

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 30 DE ABRIL DE 1882 — N.º 10 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 1\$600 réis; semestre ou 26 numeros 800 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—Execução de lord Strafford. O Christo e S. João. As creanças perdidas. Paulina (gravura do romance).
TEXTO:—Actualidades, por Tekel. As nossas gravuras, por P. C. O domingo historico, por A. O. Um duello de morte, por Gervasio Lobato. Rosicler, por Cypriano Jardim, Xavier Cordeiro e Victor Narcea. Horas d'ocio. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

Eu devia fallar-lhes em Sarah Bernhardt e no *Centenario*, na questão entre a empresa de D. Maria e o sr. P., no ultimo discurso do sr. ministro F. ou do sr. deputado X., mas... um dever de amizade obriga-me a não tratar de nenhum d'esses assumptos, e

profundamente, figadalmente, tres coisas: os necrologios, os pianos, e... a rua dos Fanqueiros.

Mas, acima de tudo, os pianos.

Uma vez, passando commigo pelo estabelecimento dos senhores Lambertini, estacou em frente da porta.

—O que é? perguntei-lhe.

—O que é? — repeti.

—Lá estão os scelerados! — e apontava para os pianos. Para aquelles é que eu queria a inquisição!

Sentado a uma mesa do Martinho, em frente de um calice de cognac, raras vezes bebia dois, se acontecia fallar-se em pianos, e Guilherme estava



A EXECUÇÃO DE LORD STRAFFORD

a consagrar esta minha chronica á memoria d'um bom e querido amigo, do sympathico Guilherme, o mais brilhante e mais delicado humorista que tem escripto em lingua portugueza.

Não é, evidentemente, um necrologio o que vou escrever. Elle odiava-os.

Sim, este excellente rapaz, bom como era, odiava

E elle, firmando-se na perna esquerda, arregaçando o beijo superior, movimento que fazendo-lhe desaparecer o nariz na espessura do seu farto bbigode aspero e intratavel, lhe dava um aspecto ferroz á phisionomia, testa franzida, pupilas incendiadas, estendia a bengala para dentro do estabelecimento, com gestos de exterminio.

em maré de paradoxos, — tinha-os brilhantissimos — attribuia-lhes com a maior seriedade todos os nossos males: — a dissolução dos costumes, o estado das finanças, o deficit, a insalubridade de Lisboa, a rhetorica parlamentar, os escandalos da politica, os adulterios, a decadencia da arte, e não sei até, se o oidium e o philoxera!

E ao levantar-se, para ir até á Havaneza encontrar-se com Bordallo, firmava a mão esquerda sobre o marmore da meza, levantava a direita á altura do hombro, braço unido ao ante-braço, espalmava-a bem, e n'um movimento para a frente como que atirando alguma coisa:

— Acreditem. Para regenerar o mundo basta isto: — queimar todos os pianos!

*

Guilherme de Azevedo não tivera nunca a louca pretensão de emendar o mundo. Elle bem sabia que *la bêtise humaine est incurable*, — como diz Julio Sandeau.

As demasias do seculo, os ridiculos da sociedade, os escandalos e *cancans* da politica, a dissolução dos costumes, não os fulminava com indignados raios de colera. Olhava-os curiosamente, de rosto franzido, para melhor se affirmar, atravez das suas lunetas de myope: mirava-os por todos os lados, como quem observa pequeninos monstros de museu abeberados em alcool: o auditorio, se era ingenuo, preparava-se, depois d'aquella analyse, para ouvir trovejantes oburgatorias. Mas não ouvia: ouvia uma pequenina risada secca, intervalando dois ditos causticos sobre o caso.

Foi sempre assim durante toda a sua vida. Não sei se no coração d'elle havia excessivas crenças, estou que sim, — no espirito muito poucas. Tinha uma grande qualidade de analysta — a frieza. Dissecava um facto com a tranquillidade d'um medico dissecando um musculo. Possuia, como poucos, o que eu chamarei «constancia de ponto de vista». É natural que muitos se lhe apresentassem: escolheu um; e n'elle se conservou sempre.

Por isso, talvez, no seu genero, foi sempre o primeiro.

*

Guilherme de Azevedo, como poucos ainda, possuia o dom de inventar historias engraçadissimas, de fabricar aneddotas adoraveis. Essas historias e aneddotas, escriptas, principalmente por mim, pouco ou nada valem. O supremo encanto das deliciosas *blagues* de Guilherme estava todo na maneira original porque elle as contava, nas phrases pittorescas, nos comentarios imprevisos com que as salpicava, no sal com que a sua delicada *verve* as polvilhava.

Entre essas historias ha uma de certo escriptor que, uma noite no Martinho fez com que a minha alegria, passando pelo infinito, mudasse de signal. Chorei.

O caso passou-se assim.

Guilherme de Azevedo estava commigo no Martinho. Elle lia não sei que jornal, eu o *Diario de Noticias*.

Subito depara-se me esta noticia: — «Entre as pessoas que acompanharam á sua ultima morada o sr. commendador F. esqueceu-nos mencionar o escriptor Braz Ramires.»

O leitor percebe que não era Braz Ramires o nome que vinha no jornal.

— Quem é o escriptor Braz Ramires? perguntei eu a Guilherme.

— O quê? pois você não conhece o escriptor Braz Ramires? — E tinha gestos de pasmo, uns gestos deliciosamente comicos de que elle possuia o segredo.

— Não!

— Eu lhe conto.

Direi, antes de mais nada, que uma das originali-

dades de Guilherme de Azevedo, sempre que contava qualquer historia, era a exclusão absoluta de artigos quando se referia ao heroe da aneddotia.

— Eu lhe conto, — disse-me Guilherme levantando-se: — Braz Ramires teve desde menino esta idéa na cabeça, — ser escriptor. Mas, para ser escriptor, Braz Ramires luctava com uma pequenina dificuldade, — não saber escrever.

E a mão direita, já espalmada á altura do hombro, fazia o movimento para a frente ao terminar a phrase.

— Outro qualquer desanimaria. Braz Ramires não desanimou. Uma manhã, acordou muito contente. Tinha descoberto a maneira de ser escriptor. Levantou-se, e foi á redacção do *Diario de Noticias* onde era conhecido. Pediu licença para fazer uma noticiinha. No dia seguinte lia-se no *Diario de Noticias*:

«Está perigosamente enfermo o escriptor Braz Ramires.»

Tres ou quatro jornaes transcreveram a noticia. A' noite, na rua dos Fanqueiros, uma menina interrompendo a valsa dos *Dois Mundos* que o namorado estava a recitar, (e a mão espalmava-se), exclamou para as visitas: — Não sabem? Está muito doente o escriptor Braz Ramires. (E a mão fazia o movimento para a frente).

Passados tres dias, Braz Ramires voltava ao *de Noticias* e pedia para fazer outra noticiinha. E escrevia:

— Está felizmente melhor da grande enfermidade de que foi acommettido, e de que aqui demos noticia, o escriptor Braz Ramires.»

Cinco jornaes transcreveram a noticia.

A' noite, o namorado da menina da rua dos Fanqueiros fez parar uma contradança para dizer a todos, — que estava muito melhor o escriptor Braz Ramires.

Passados outros tres dias, Braz Ramires volta ainda ao *de Noticias*. E escreve: — Está completamente restabelecido o escriptor Braz Ramires.»

E aqui tem você como Braz Ramires conseguiu ser escriptor.

— Essa noticia do enterro do commendador — eu ria com o um perdido — você não se ria — é ainda feita por elle,

Hoje á noite, na rua dos Fanqueiros, — fique você certo — não se falla n'outra coisa —.

E dando uma d'aquellas voltas, que só elle sabia dar, dirigia-se para a porta e d'ahi a um minuto contava outra historia no Mattos Moreira.

Bom e querido amigo: não mais nos alegrarás com as tuas deliciosas aneddotas, cuja recordação põe, ao terminar estas linhas, lagrimas de saudade nos nossos olhos.

TEKEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

Execução de Lord Strafford

Entre as primeiras victimas illustres da revolução ingleza do seculo XVII figura Thomaz Wentworth, conde de Strafford, ministro de Carlos I, que nasceu em Londres em 1593, e que foi decapitado em 1641. «Entrando ao serviço da corôa, diz Guizot, tomou a peito o seu poder, como fizera pouco antes com as liberdades do paiz, mas seriamente, orgulhosamente como um ministro habil e rude, e não como corteão frívolo e obsequioso. De um espirito largo que não podia encerrar-se no ambito estreito das intrigas domesticas, e de um orgulho exaltado que se

não podia accomodar com as exigencias do Paço, entregava-se com paixão aos negocios, affrontando todas as rivalidades, despedaçando todas as resistencias; ardente no intuito de ampliar e de consolidar a regia authoridade, que estava sendo a sua, mas applicando se tambem a restabelecer a ordem, a reprimir os abusos, a domar os interesses particulares que julgava illegitimos, a servir os interesses generosos que não temia».

Exercia as funções de vice-rei da Irlanda quando rebentou essa revolução escocesa que devia ser o signal da queda da monarchia. Correu a Londres para prestar ao rei o soccorro da sua energia e da sua experiencia. Era o que temiam as Communas, por isso desde logo se resolveu a sua perda. Os seus amigos queriam que elle se pozesse ao abrigo da tempestade; recusou dizendo que o seu posto era onde havia perigo. É verdade que o rei Carlos promettera defendel-o contra todos. O Longo Parlamento acabava de se abrir, e os puritanos reinavam já em Inglaterra. Um dos primeiros actos d'esta assembléa foi um decreto de accusação contra Strafford, como criminoso de alta traição. Apresentou-se orgulhosamente á barra para se defender; mas não o quizeram ouvir e mandaram-n'o para a Torre.

A instrucção do processo durou tres mezes, no fim dos quaes se communicou o libello ao réu que foi intimado a responder n'um prazo de oito dias. Era visível que estava proferida anticipadamente a sua condemnação. Foi um dos seus inimigos declarados que a Camara dos Pares encarregou de dirigir os debates d'este monstruoso processo, durante o qual as Communas promulgaram contra o accusado um «bill d'attainder», especie de prescripção que dispensava a denoua das formulas judiciaes. Houve dezeseite audiencias, durante as quaes Strafford teve que sustentar sósinho a lucta contra accusadores que se rendiam.

Emfim o bill da condemnação á morte, votado no seio das Communas, por 204 votos contra 54, foi levado á Camara dos Pares onde só obteve uma pequena maioria.

Conservaram-se estas ultimas palavras da defeza de Strafford: «Não ponham obstaculos invenciveis aos ministros do governo, porque, se os examinardes nas minimas particularidades, com rigorosas penas, a sua situação será intoleravel; os negocios publicos serão abandonados, e nunca um homem de juizo, que tenha que perder alguns haveres e uma boa reputação, se querará metter em perigos tão horroresos e tão obscuros».

Os membros da Camara, que tinham votado a absolvição, foram, com o nome de *straffordianos*, designados á vingança popular.

O que fazia o rei Carlos I, que promettera ao seu ministro que lhe não tocariam nem n'um cabelo da cabeça? Procurou primeiro ganhar tempo, mas Strafford escreveu-lhe da sua prisão uma carta admiravel, em que lhe declarava que, apesar de innocente, desejava com impaciencia offerecer a sua vida como preço da reconciliação entre o rei e o povo. Só lhe recommendava seu filho e as suas tres filhas. Recuperando assim a sua palavra, o rei sanccionou a sentença. Sabendo isso, Strafford proferio com amargura estas palavras do psalmista: «Não depositeis confiança na palavra dos principes e dos filhos dos homens.» Devemos dizer que d'ahi a dois dias, Carlos quiz tentar um ultimo esforço para salvar o seu amigo. Pedio então que a pena de morte fosse commutada na de prisão perpetua. Recusaram-lh'o. Supplicou então que se concedesse um adiamento de alguns dias. Tambem isso se negou.

A 12 de maio de 1641, Strafford foi conduzido ao lugar da execução. Pedira que o arcebispo Laud, seu amigo, também preso na Torre, lhe deitasse a bênção da janella do seu carcere. O prelado appareceu effectivamente, mas, quando viu os preparativos do supplicio, caio sem sentidos.

Strafford mostrou grande firmeza. No momento fatal, pedindo-lhe o algoz que lhe perdoasse, respondeu: «Perdão-te, como perdão a todos os meus inimigos», e acrescentou: «Receio que seja um mau presagio para a reforma que se projecta no Estado o principiar pelo derramamento de sangue innocente».

Poz a cabeça no cepo, rezando pelo rei, pela Inglaterra e pelos seus juizes. N'essa mesma noite a multidão manifestou uma alegria odiosa com fogos de vista, e praticou os mais violentos excessos contra aquelles que se recusavam a tomar parte n'essas manifestações.

«A condemnação de Strafford, diz um historiadór, foi um dos actos mais iníquos que as paixões politicas e religiosas teem arrancado á corrupção e ao medo».

Christo e S. João (Quadro de Ary Schœffer)

Represente a nossa gravura um d'esses Christos que constituem uma das mais bellas e mais puras glorias do talento immortal do grande pintor francez Ary Schœffer. Este pintor, e Eugenio Delacroix, foram de certo as duas expressões mais sublimes da grande evolução artistica do romantismo. Como Delacroix, Ary Schœffer tem algumas telas dramaticas e potentes, em que o sentimento da vida real, com todo o horror dos seus mais dilacerantes episodios, protesta contra a tradição convencionalista, pedante e academica da escola de David. «A morte de Gastão de Froix na batalha de Ravenna» é debaixo d'esse ponto de vista uma admiravel tela. Desapparecera essa pintura de convenção, em que uns heróis de theatro, bem e correctamente penteados, caem com toda a elegancia, derramando umas gotas de sangue do mais puro vermelho: na tela d'Ary Schœffer, os vencedores de Ravenna estão cobertos de lama e de pó, confundem-se-lhes nos rostos queimados o suor e as lagrimas, e o bello rosto de Gastão de Froix, contrahe-se nas convulsões da agonia, invadido pela lugubre lividez da morte.

«As mulheres «soulotas» constituem também uma das paginas mais dramaticas da obra de Ary Schœffer e da escola da pintura franceza do seculo XIX. Um grupo de mulheres gregas, para não cairem vivas nas mãos dos turcos, precipitam-se do alto de um rochedo. A exaltação febril d'essa hora suprema, o horror da situação, a angustia terrivel e a furia sublime que torturam as physionomias das martyres, são reproduzidas pelo pincel de Ary Schœffer com um vigor inexcédível.

Mas, apesar do éxito que obteve com esses dois quadros celebres, não era esse evidentemente o caminho que o genio de Ary Schœffer estava fadado para seguir. Ary Schœffer era um idealista, representava na pintura as tendencias christãs, scismadoras e suaves de Lamartine na poesia.

Encantava-o sobretudo a sombra mystica das velhas cathedraes gothicas, de cujas altas abobadas gotejam nas noites sagradas, em que os órgãos gemem as tristezas de Jeremias, a luz pallida dos cirios, as inspirações da fé. Foi a obra de dois grandes poetas — Goethe e Dante, e alli colheu as suas mais bellas e as suas mais puras inspirações. Outros que procurassem no grande drama de Goethe as scenas do Brocken e a Noite de Walpurgis, elle foi em procura da casta Margarida, d'essa doce creatura,

meio Madona, meio peccadora, que parece conservar-se ainda pura e ingenua depois da falta, e transportou-a para a tela, e foi para a Goethe de Goethe como que um segundo creador. O typo de Margarida está na nossa imaginação ligado indissolavelmente á doce, á meiga interpretação de Ary Schœffer. «Margarida fiando», «Margarida no jardim», «Margarida na fonte», «Margarida na igreja», «Margarida no sabbato», sempre Margarida, e sempre uma doce figura que Ary Schœffer acaricia com os toques mais suaves do seu pincel, que envolve n'um nimbo de ideal pureza e de scismadora melancholia.

O que fez na obra de Goethe, fel-o também na obra de Dante. Delacroix que pinta barca dos infernos, Ary Schœffer vae buscar Beatriz, e Francisca de Rimini, esses dois typos immortaes da inspiração e do amor, e transporta-os também para a sua doce galeria idealista, e são ainda elles os que esvoaçam na nossa imaginação, porque os typos em que Ary Schœffer toca, recebem do seu pincel como que o cunho sereno da immortalidade.

A doce figura de Christo não podia, é claro, escapar á palheta d'este idealizador tão impregnado no sentimento christão, e effectivamente a collecção dos seus Christos é uma das partes mais brilhantes da obra vasta do pintor. Ary Schœffer, alma ardente de poeta, soube renovar por tal forma essa figura, que todos os grandes pintores mil vezes reproduziram nas suas telas, pelos accessorios de que a rodeia, que ainda depois dos Christos de Raphael, e dos de Velasquez e de Murillo, e dos Christos da escola mystica da Allemanha, os de Ary Schœffer nos causam uma verdadeira impressão de surpresa. O «Christo consolador» por exemplo, é uma concepção admiravel. Rodeiou Ary Schœffer o doce Nazareno da expressão de todas as dores humanas: que podem procurar nas meigas palavras de Jesus o «bal-samo» e o allivio. Em torno do filho de Maria agrupam-se o escravo agrilhado, o guerreiro que morre pela patria sem que a patria o reconheça, e o poeta menos-prezado, a peccadora arrependida, a joven mãe que chora a perda do seu primogenito, a velha mãe que sobrevive a todas as suas affeições mais queridas. E sobre este conjunto de dores inconsolaveis e de profundas agonias derrama o Christo de Ary Schœffer a suavidade luminosa do seu doce olhar divino.

Ha um outro quadro de Ary Schœffer, um que transparece mais do que em nenhum outro o mysticismo da sua alma. E' o quadro que se intitula «Gemidos da alma». São os gemidos que se exalam de um coração dilacerado e que se transformam em esperanças e em beatitudes, á medida que se elevam para o céu, verdadeiro poema, abstracto e profundo, da immortalidade da alma e da misericordia divina. Imagine-se um grupo aerio de deliciosas figuras; umas, ao arrancarem-se convulsivamente das trevas do mundo inferior, ainda levam consigo o estygm de todas as dores humanas, outras, á medida que se elevam a uma atmospheria mais proxima de Deus, parecem encontrar já a consolação em mais doces lagrimas, e acabam por achar no mais puro ether a eterna esperança que suavisa todas as penas e cura todos os males.

O Christo, que a nossa gravura representa, não é de certo o mais original de Ary Schœffer, mas revela perfeitamente a maneira suave e delicada com que o grande pintor francez trata sempre essa luminosa e sublime figura.

As Crianças perdidas

Pobres pequenas! Que será feito d'ellas? Forram apañar lenha, porque o inverno é frio, e a casa é

pobre. A' volta perderam-se, surprehendeu-as a noite, e já não atinam com trilho nem carreira. De nada lhes vale o faro do cão que as acompanha. Perdeu-se também o pobre animal. A pequenita chora, a mais velha enxuga-lhe o pranto, mas d'aqui a pouco verão que chora também. Podêra! Sosinhas! á noite! nos bosques! e se d'aqui a pouco principiam a ouvir uivar os lobos!...

Nos bons tempos dos milagres, Nossa Senhora não abandonaria assim as pobres pequenitas. Na escuridão da floresta brilharia de subito uma luz suave, uma mulher branca e formosissima appareceria com uma criança ao collo, ella mesma conduziria as pobres pequenitas até á orelha do bosque, e sumir-se-hia de repente deixando nos ares uma fragrança celestial. Iriam no outro dia ao bosque os pais das criancinhas, e n'um concavo de arvore bem escondida, bem aninhada entre os ramos, encontrariam a imagem milagrosa de uma Senhora a que se fariam d'abi por diante as mais concorridas romarias.

Mas esse tempo passou, hoje as crianças que encontram Nossa Senhora de La Salette ou Nossa Senhora de Lourdes repetem mal o recado que os paes lhes ensinaram. Não podem contar as pequenas da gravura com essas bem-aventuradas visões, mas a Providencia encontra sempre meio de se manifestar e de valer aos tristes e aos desamparados, e somos capazes de apostar que na primeira encruzilhada o cão recupera o faro, atina com o caminho, e conduz alegremente, a são e salvo, as pobres crianças á porta da choupana paternal.

P. C.

ROSICLER

Por ter sahido errado no n.º 9 publicamos novamente o soneto do sr. Cypriano Jardim.

DESTINO

D'onde vens tu, tão tarde, na collina,
Deixar ouvir cantiga enamorada?
E porque é que, ao ouvir-te essa ballada,
A minha idéa tanto desatina?

Talvez seja de amar-te a minha sina,
Tanto d'essa harmonia eu vou levada...
Mas a hora do amor... não é chegada...
Bem sabes que ainda sou moça e menina!

Eu, quando cantas, sinto que me prendes
E oiço, e tenho medo... como o infante
A escutar uma historia de duendes...

Mas deixo-me ir... levada do descante!...
Que eu bem vejo, ás fallas que desprendes,
Que algum dia heide ser a tua amante!

CYPRIANO JARDIM

OS DOIS ESPELHOS

(Dolores de Campoamor)

Ante o christal d'um espelho
aos quarenta annos me vi,
e achando-me feio e velho
de raiva o espelho parti.

Da alma na transparencia
Meu rosto depois mirei,
e tal me vi na consciencia
que o coração me rasguei.

É que em perdendo o mortal
a fé, juventude, amor,
se se olha ao espelho — mal;
se na alma se vê — peor.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

O DOMINGO HISTÓRICO

30 d'abril de 1824. — Revolta conhecida geralmente pelo nome de «Abrilada»

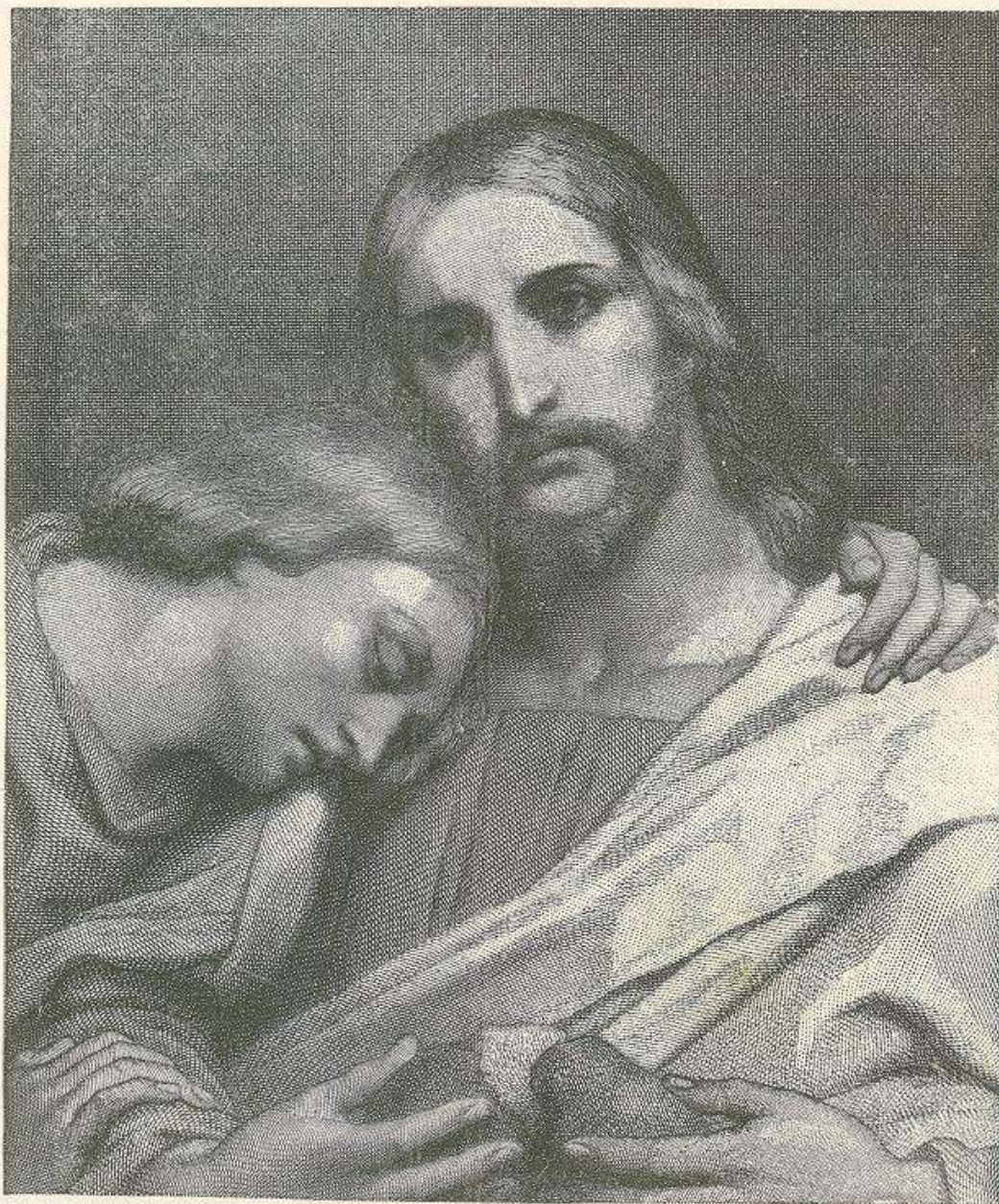
O systema constitucional implantado no nosso paiz pela revolução de 1820, cahiu em uma duzia de dias perante a revolta dirigida pelo infante D. Miguel, e que ficou conhecida na historia pelo nome de *Villa Francada*; os defensores do antigo regimen nã o secontentaram, porém, com os resultados colhi-

o infante D. Miguel, a tentarem uma conspiração com os intentos mais torpes do que aquelles que presidiram á revolução de maio de 1823.

Nos ultimos mezes d'esse anno a policia chegou a descobrir o drama que se urdia, e impediu assim que o movimento se realisasse; mas d'ahi a pouco, a 30 d'abril do anno seguinte, o infante que exercia o cargo de commandante em chefe do exercito, chamou ás armas as tropas, mandou prender diversos ministros e personagens importantes, conservou seu pae guardado á vista e incommunicavel no palacio

geiras, obrigou a rainha e o infante a serem mais moderados, mas apesar d'isso o rei coacto não tinha forças para impedir que em seu nome se expedissem as mais reaccionarias medidas, até que em 9 de maio, por conselho dos embaixadores francez e inglez, se acolheu a bordo da nau ingleza *Wendur Castle*.

D. João VI mandando então chamar seu filho, reprehendeu-o severamente, dimittiu-o de commandante em chefe do exercito e exilou-o para o estrangeiro, d'onde mais tarde voltou, em fevereiro



O CHRISTO E S. JOÃO

dos d'esse movimento, e continuaram ainda depois a tramar para restaurar, em toda a sua pureza, os antigos principios e annullar completamente as esperanças dos que ainda confiavam nas promessas feitas por D. João VI, quando regressou á capital.

A idéa de que o soberano podesse mais tarde ou mais cedo, seguindo os conselhos de alguns homens moderados que tinha chamado para junto de si, promulgar uma constituição e reconhecer mais ou menos claramente os direitos d'esse terceiro estado, que nas antigas monarchias era nada, mas que justamente reclamava ser tudo nas modernas sociedades, levou a rainha D. Carlota Joaquina, e o seu filho querido

da Bemposta, e proclamou ao povo dizendo que os pedreiros livres queriam assassinar o rei, e que elle se levantava para o proteger.

A verdadeira intenção de D. Miguel, que não passava de um instrumento da sua mãe e do partido absolutista, era fazer abdicar o monarcha, mas o plano falhou porque o corpo diplomatico, tendo á sua frente o ministro da França Hyde de Neuville, entrou na Bemposta obrigando as sentinellas, apesar das ordens que tinham em contrario, a deixarem-n'o passar e protestar contra qualquer resolução da autoridade real.

Esta attitudo dos representantes das côrtes estran-

de 1827, para derogar novamente o systema constitucional estabelecido na Carta outhorgada por D. Pedro e dar origem á sanguinolenta guerra civil que só ao cabo de alguns annos terminou pela convenção de Evora-Monte.

A. O.

UM DUELLO DE MORTE

Elles eram inseparaveis. Não se via em parte alguma o Polydoro que não se visse logo ao lado o Malaquias, sempre juntos, aos segredos, n'uma grande intimidade amigavel.

Já ha que annos que essa intimidade durava! Vinha do collegio do Sicoito, dos tempos dourados das sabbatinas, das palmatoadas e das orelhas de burro! A cabula ligara-os na infancia, e o habito apertára tanto esses laços que não havia agora meio de os desatar.

este mundo de Christo com todo o azedume das coisas irremediaveis.

Ao almoço, ao jantar, á ceia, Polydoro via sempre ao seu lado o Malaquias, o Malaquias via sempre ao seu lado Polydoro.

Não podia um dar um passo sem que o outro o

guem se atreveria nunca a dizer-lhes, diziam um ao outro, a titulo de deveres sagrados da amizade. Polydoro fazia uns versos com que ficava contentissimo e o Malaquias dizia-lhe logo: — «Rasga isso que não presta para nada! És um pateta». O Malaquias preparava-se a fazer qualquer coisa que ima-



AS CRIANÇAS PERDIDAS

Ambos elles sentiam essa indissolubilidade da sua amizade, e ás vezes tinham um pelo outro os rancores azedos de dois casados amarrados pela estola d'um padre.

Mas não se atreviam a atirar ao ar com a canga que o costume de tantos annos lhes encaixára nos pescoccos, e lá iam arrastando a sua intimidade por

desse tambem, entre elles não podia haver segredos; era tudo commum desde as ideias até á bolsa.

O Polydoro não podia ter um pensamento, que Malaquias não viesse logo devassar; o Malaquias não podia ter cinco tostões de que o Polydoro não utilisasse logo duzentos e cincoenta.

E tudo o que havia de desagradavel, e que nin-

ginava ser um acto de profundo bom senso, e o Polydoro dizia-lhe logo: — «Não faças isso, é uma tolice! Não passas d'um idiota!»

E ambos ficavam fulos, mas davam o braço, e atravessavam a vida amarrados um ao outro, e toda a gente ao vê-los dizia:

— Aquillo é que são amigos!

Um dia porém a medida trahordou.

O Polydoro namorava uma rapariga lindissima, e pensava em casar com ella.

O Malaquias metteu-se logo nos seus amores e nos seus planos.

— Não cases! E' uma tolice! Tu não és bonito, és desastrado, és pouco esperto, e ella se olha para ti é simplesmente por saber que tu tens alguns vintens.

— Não é tal! respondeu o Polydoro vermelho de raiva, ella gosta de mim devéras!

— Ora adeus! Gosta de ti. Tendo tu essa cara? Estás a lêr meu pateta. Ella o que é é uma namorada.

— Não digas isso!

— Olhou para ti, como olha para qualquer homem que lhe appareça!

— Mau! Não admitto esse tom quando se falla d'uma rapariga honesta!

— Bravo, D. Quichote! respondeu o Malaquias rindo muito.

E não se fallou mais n'isso, mas d'alli a oito dias o Malaquias apparecia de manhã cedo em casa do Polydoro.

— Queres vêr um retrato? disse elle.

— Deixa vêr.

— Olha!

E o Malaquias mostrou a Polydoro o retrato da namorada d'elle.

O Polydoro empallideceu.

— Como te foi esse retrato parar ás mãos? perguntou elle todo nervoso.

— Ora essa, deu-m'o ella!

— E' mentira! vociferou Polydoro.

O Malaquias muito sereno, com um sorriso ironico tirou da algibeira uma carta e mostrou-a a Polydoro.

Era d'ella, não havia que duvidar!

— Então o que te dizia eu, exclamou Malaquias triumphante, é uma doida! Aqui tens o amor que ella tinha por ti, bastou eu apparecer para ella me dar logo trella. Ah! Ah! Ah!

O Polydoro teve vontade de o esganar; mas a amizade tem os seus direitos; conteve-se e mudou de conversa, com um ar indifferente.

A tarde, com a cabeça perdida, o Polydoro foi-se informar de como a sua namorada acceitára a carta de Malaquias.

Indagou, indagou e por fim soube tudo. O Malaquias dissera d'elle todas as infamias, utilisára em proveito proprio tudo o que sabia da vida intima de Polydoro, recitára-lhe todas as cartas que ella lhe escrevera, contára-lhe a historia veridica d'um beijo dado na escada, que Polydoro lhe confidenciára nas santas indiscrições da intimidade, fizera d'elle um tal retrato, que a rapariga indignada, colérica, ferida no mais intimo do seu amor e da sua dignidade, jurára vingar-se e começára a vingança acceitando a corte do amigo de Polydoro.

E Polydoro não podia ir pedir uma explicação a Malaquias. Malaquias dir-lhe-ia que fizera tudo aquillo por amizade, para o arrancar do abysmo em que ia precipitar-se, e o odioso do papel, ainda em cima, seria para elle.

Entretanto aquillo não podia ficar assim. Malaquias esmagára-lhe o coração, destruíra-lhe todos os sonhos do futuro, arruinára-lhe pela base todos os seus planos de felicidade, ferira-o no mais fundo da sua vaidade; aquillo não podia ficar assim.

— Não lhe posso pedir uma explicação, seria ridiculo, pensou Polydoro, mas posso matá-lo. Matá-lo ou ser morto por elle, e depois ninguem rirá.

Um duello de morte, exactamente, é a unica sahida d'esta situação ridicula e dolorosa. Mas um duello de morte sem testemunhas, sem preambulos, de chofre, de modo que elle não possa recuar ou rir-se de mim.

E Polydoro n'esse dia meditou largamente o seu plano.

A' noite encontrou Malaquias.

— A'manhã tens que fazer? perguntou-lhe elle com um ar sinistro que queria por força fazer natural.

— Não. Porque? disse Malaquias admirado.

— Então vae a Cintra comigo; vou-te buscar a casa ás 6 horas.

— Pois sim! Mas perguntaste-me isso com um ar tragico: em vez de me convidares para ir a Cintra, dir-se-hia que me ias convidar para ir para o outro mundo!

— Para o outro mundo! que ideia! tornou Polydoro, sorrindo para dentro com um sorriso amarello.

GERVASIO LOBATO

(Conclue no proximo numero.)

HORAS DE OCIO

Charadas novissimas

(OFFERECIDAS AO DOMINÓ ESCARLATE)

- Z a Nigricia e na India este animal — 1, 2.
 O homem illumina, se é intelligente — 1, 1.
 A vegetal, mineral, animal — 1, 1.
 A rra que de aspero é grosseiro — 2, 1.
 A suspende e volta para esta cidade — 1, 2.
 A ei que o animal tem em certo tempo um defeito — 1, 2.
 A ngrata! és desprezível, por ser mal comportada — 1, 2.
 A mata! mata, campeão! — 2, 1.
 A primeira n'esta nação é a mulher — 1, 4.
 A e queres saber outra coisa, sê honrado — 1, 1.

OCIOSOS DE CAÇADORES 4.

Embrulhada litteraria anagrammatica

A	L	I	N	A
L	U	N	C	H
H	O	R	A	S
C	A	D	E	T
A	L	H	O	S

Com as letras d'este quadro,
Deves tu formar, leitor,
Um bom poeta, um guerreiro,
E um outro grande escriptor.

Vizeu.

A. MARQUES GUEDES.

Soluções dos problemas do n.º 6

Enigma Pittoresco — Quem muito dorme pouco aprende.

Palavras quadradas:

C	A	D	I
A	N	A	M
D	A	M	A
I	M	A	N

Embrulhada geographico-historica:

B	agda	D
A	karatr	A
C	lea	R
O	b	I
N	il	O

Charada

Vergado aos annos, cabisbaixo, triste,
os olhos mergulhando no passado,
agras tu lamentas do teu fado,
e o fado em ser cruel comtigo insiste — 1

Nas vagas do naufragio um dia viste
morrer a esposa, a mãe, o filho amado,
o instinto do viver salvou-te a nado,
e assim de alli morrer te redimiste.

Mas Deus guardava-te inda uma alegria.
Chamava-te á existencia um anjo louro,
Vergonteia em que teu filho revivia — 2

E tu, vendo o valor d'esse thesouro,
abriste-lhe um sacrario de harmonia;
para o fechar buscaste chave de ouro.

GANDAREZ

Fantasia arithmetica

Quando eu nasci, minha mãe tinha o terço da idade que hoje tem meu pae, mas o triplo da idade de meu pae é o quintuplo da idade que hoje tenho, e a idade de minha mãe, multiplicada pelo decimo da idade de meu pae, excede trezentos annos a minha mãe.

Que idade tem meu pai? que idade tem minha mãe? que idade tenho eu?

EUCLIDES

Resposta a pergunta philologica

Sr. redactor:

Não sei se por effeito das quotidianas nortadas, que todas as tardes varrem as areas d'estas gandaras, sopradas com violencia das partes d'Aveiro, tenho discutido comigo, por vezes, o ponto que tão lucidamente expõe o investigador presbytero do Calpe, e valha a verdade, que nunca me passou pela mente que o nome dos barcos varinos proviesse do processo de os fazer mover á vara. Por largos annos vi subir Mondego acima, desde a Figueira á Foz Dão, dezenas de barcos quasi sempre movidos á vara, e nunca ouvi chamar-lhes varinos, e a primeira vez que ouvi dar tal nome ao barco foi precisamente no Tejo, e em passagem onde é impossivel o emprego da vara. Pela rasão etymologica do author do Dicionario, o monumental bacamarte, que ainda não chegou por cá, deveriam chamar-se barcos remeiros os movidos a remos, veleiros os movidos por velas. A conclusão a que pude chegar coincide com a de Eurico. Se os povos de Ovar e de Aveiro descendem de uma colonia de Varos: se pela acção do tempo e modificações da lingua os logares mais importantes habitados pela colonia tomaram umas denominações que sem esforço se derivam do radical Var, será menos forçado admittir que o nome do barco provenha da denominação do barqueiro que do processo da locomoção. Quem frequentar em Lisboa a margem do Tejo hade ouvir seguramente fallar nos botes cacilheiros. Não é necessario queimar as pestanas para achar a etymologia. Em Aveiro ouve-se fallar com frequencia nos barcos serranos, que são os que navegam pelo Vouga acima. Estas denominações referem-se á procedencia: parece pois mais racional applicar a mesma logica ao caso dos varinos, se por ventura as leis da logica entram por alguma cousa na formação das linguas.

GANDAREZ

Soluções certas

Enigma pittoresco — Ociosos de caçadores 4 (Tavira), A. Marques Guedes (Vizen), Hamlet (Merceana), Carmelita, Acertei? (Loulé).

Palavras quadradas — Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Abilio Cordeiro, Nadège (Coimbra), Edipo, Acertei? (Loulé).

Embrulhada geographico-historica — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Ociosos de caçadores 4 (Tavira), Annibal Cardozo, Edipo, Carmelita, Benedicto Barros (Setubal).

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 72)

IX

O desmaio de Paulina resistio por algum tempo a todos os meios de tratamento empregados pelo avô e por Celestina. Para cumulo de infelicidade não foram encontrados trez medicos das visinhanças, que foram chamados.

—Aqui houve por força alguma coisa extraordinaria, terrivel, dizia Desherbiers, porque eu nunca vi Paulina n'este estado... E' uma rapariga forte, não se impressiona facilmente... E o grito? o grito medonho, que ella deu, e que todos ouviram?...

—Sim, sim, accrescentou Celestina, devia haver uma causa poderosa... e contudo ella não recebeu carta, nem visita... aqui não está nada...

N'este momento voltou a creada, e contou que um homem, cujos signaes descreveu, tinha naturalmente entrado sem que ninguem desse por isso, porque lhe perguntara na rua se Paulina estava em casa.

O avô da pobre menina estava tão enredado como cuidadoso, quando finalmente a neta recuperou os sentidos e abriu os olhos.

Articulou algumas palavras inintelligiveis.

—Minha filha, minha querida filha! exclamou Desherbiers; o que te aconteceu?

—Oh! meu Deus! murmurou ella, que susto! que desgraça!

—Falla, explica-te, peço eu... veio um homem, não é verdade? bem sei...

A estas palavras, Paulina respondeu como desvairada.

—E' elle, elle, aquelle monstro... estamos perdidos, é preciso fugir.

De repente, levantou-se do divan, vio Celestina, e debuxou-se-lhe no semblante uma grande contrariedade. Era evidente que se arrependera de proferir estas ultimas palavras deante de um estranho.

—Ah! minha querida amiga, disse ella, não a tinha visto, desculpe-me... Soffro tanto ainda!...

E deixou-se cahir no canapé fechando os olhos.

Ouviram-se passos na escada, e um homem calvo, todo de preto e gravata branca, entrou inclinando-se e disse:

—Sou o medico... Já vejo que a doente é aquella senhora.

E dirigio-se para Paulina, tomou-lhe o pulso, e interrogou-a.

O avô respondeu:

—Senhor doctor, minha neta assustou-se muito com uma visita inesperada, e desmaiou. Esteve mais de um quarto de hora n'um estado, que nos inspirou o maior receio.

—A queda não foi grande, não ha lesão exterior na cabeça... isto não ha de ser nada, replicou o medico. Qualquer que fosse o abalo moral, estou certo de que tudo passará com socego, e com um calmante, que vou receitar.

Pouco depois sahio o homem da sciencia encontrando-se com Euphrasia. Celestina aproveitou a chegada d'esta para se retirar.

Apenas sahio a viuva, Desherbiers disse a Paulina, que se levantará de novo:

—Já adivinhei tudo... era elle, o infame Gibraltar.

—Elle proprio, meu avô. Quando o encontrei, tive o maior medo de que elle nos descobrisse.

—Suppoz que te tivesses enganado, mas não me admira a sua estada em Bruxellas. Praticou toda a sorte de crimes na Communa, e veio pôr-se aqui ao abrigo da justiça franceza.

—E' preciso denunciá-lo, fazel-o prender, para que seja guilhotinado, interrompeu a gorda Euphrasia; é coisa bem simples!

O marido não se dignou responder a estas palavras sanguinarias, e continuou:

—Não te illudas, minha filha: a presença d'este homem em Bruxellas, na situação em que nos achamos para com o visconde; a audacia, que teve, de se appresentar aqui, tudo isso constitue para nós uma posição embaraçosa.

A tua sorte está nas mãos d'elle... E' necessario reflectir n'isto maduramente. Deixo-te com tua avô, em quanto vou dar um passeio, e pedir a Deus que me inspire o meio de conjurar o perigo.

X

O visconde Donaciano de Monaville, vestido com um *robe de chambre* de cores vivas, e sentado a uma meza n'uma salinha elegantemente mobilada, lia uma carta, que lhe absorvia toda a attenção, quando bateram á porta devagar.

Quando disse «entre» dirigio-se rapidamente para elle um homem, de braços abertos, exclamando:

—Caro mio, caro mio!

—Ah! és tu, Luigi! disse Donaciano abraçando o recémchegado, muito estimio ver-te... Já estás bom de todo?

—Ainda não, respondeu o italiano; porém massava-me horivelmente em Maestricht e sentia necessidade de vir ter contigo. Depois, as noticias da Alemanha não são lá muito boas. Procuram todos os pretextos para nos não pagarem o resto do que nos prometteram e que tão briosamente ganhámos, porque não só arriscámos a pelle... mas expuzemo-nos a todas as duras consequências da guerra... Heitor Valaçon, o homem sem pernas, ha de acabar por descobrir-nos com o auxilio d'aquelle diabo do advogado, Renato Morlant, e do creado, João Rotentout...

—Isso não é o que me inquieta mais agora, disse o visconde; a questão financeira sobreleva a tudo... se não houver dinheiro, não ha casamento, provavelmente.

—Com que então, sempre esperas?

—Mais do que nunca.

—Tens a certeza do principal?

—Se tenho! O avô Desherbiers possui trezentos a quatro centos mil francos, pelo menos, e Paulina é a sua unica herdeira.

—As informações são officiaes?

—Quando chegaste estava eu exactamente a ler uma carta, que recbi sobre o assumpto. Deves saber que ha dois annos travei conhecimento, por acaso, em Paris com um velho empregado da Prefeitura da policia, que, apesar de retirado ha muito tempo, conservou o amor pela sua antiga profissão, e ainda gosta de a exercer como amator. Escrevi-lhe, e eis a resposta que tive.

Luigi San Marco pegou na carta, cujo conthaeudo era o seguinte:

«Senhor Visconde.

Principio por agradecer-lhe a confiança que de-

posita em mim, e que me lisongeia extremamente. Dei-me pressa em colher as informações, que deseja, a respeito de Justino Desherbiers.

Antes dos nefastos acontecimentos que flagellaram Paris, habitava elle em Meudon n'uma casa bem mobilada, e vivia de suas rendas, estimado e respeitado por quantos o conheciam. Era já um indício favoravel. Pude saber depois, que ha cerca de dez annos veio de um dos departamentos centraes para Paris. Mais soube que tinha residido em Tours, onde possui varias casas, livres de qualquer encargo, e que valem aproximadamente duzentos mil francos. Por ultimo sei que tem fundos consideraveis depositados na mão de um tal Percheri, tabellião da supradita cidade.

Pareceu-me á vista d'isto, que era inutil proseguir nas minhas investigações, o que todavia farei se o Visconde julgar que é necessario.

Devo accrescentar que Justino Desherbiers tem ainda por trez annos a casa, que occupava, que não deu a pessoa alguma ordem para alugá-la, o que bem mostra que elle tenciona regressar a Paris

Sou com a mais alta consideração

Aubry Reaumont

Antigo empregado da policia.

—Então, que dizes? perguntou Donaciano a Luigi, quando este acabou a leitura

—Bravo, bravissimo, meu caro!... É um optimo negocio... Contudo...

—O que?

—O velho pode tambem tomar informações, se é que já...

—Bem sei, e julga-se felicissimo com o meu casamento. E porque se não havia de julgar?

—A tua felicidade é a minha; por consequencia folgo com ella, e espero que nada a perturbará, e que a vida te correrá de hoje em deante cheia de risos e alegrias.

—Se soubesses como ella é formosa, como é boa! Amo-a loucamente, meu amigo!

—Quando me apresentas?

—Por ora não, disse o mancebo com ar contrariado. É preciso dispor a familia, fallar-lhe de ti... Ainda não tive ensejo... Uma apresentação á quimera roupa...

—Podes ter razão; mas deves comprehender a minha impaciencia por conhecer o anjo que te deve transformar, fazer de ti um santo... com bons rendimentos.

XI

Os dois amigos occuparam-se por muito tempo de seus negocios pessoais, e o visconde deixou passar a hora, em que costumava a ir ver a noiva.

Eram pouco mais ou menos nove horas quando Luigi acompanhou Donaciano até ao fim da praça da Rainha, em Schaerbeek.

Como se devia suppor que a lua brilhava—o que todavia se não dava—o gaz não estava acceso, e as estrellas projectavam apenas uma claridade duvidosa.

Apesar da obscuridade, o italiano, que parara um instante depois de deixar o visconde, lobrigou um individuo, com a cabeça coberta por um amplo chapéu

de palha, e que se destacou de uma parede, a que estava encostado, e seguiu Donaciano por uma forma, que attrahiria a attenção de qualquer observador.

Admirado d'este acontecimento, Luigi tambem seguiu Donaciano até á casa em que moravam os Desherbiers. Quando entrou o noivo, o desconheci-

O visconde dissera a Luigi que se demorava apenas meia hora em casa dos Desherbiers, e combinaram juntar-se n'um café proximo. O italiano resolveu esperal-o a pouca distancia, sem perder a casa de vista, para ter a certeza de o ver sahir. Não se enganou nas suas conjecturas: o personagem, que suppunham dever reaparecer para continuar a obser-

—O quê? és tu, Paulo Gibraltar? Diavolo! será possivel? Que encontro!

XII

Quem podesse analysar bem as feições de San Marco—quando vio no homem de chapeo de palha



UM PASSADO TENEBROSO.—Paulina

do proseguio, e desapareceu na esquina de uma rua transversal.

San Marco precipitou-se no seu caminho, porém, elle não o vio.

O italiano era homem de grande finura e desconfiadissimo. Pareceu-lhe pouco natural o que acabava de ver, e de si para consigo pensou que o homem do chapeo de palha procedera d'aquelle modo por algum motivo. Determinou seguir aquelle que parecia querer espreitar.

vação, voltou effectivamente minutos depois, e principiou a passeiar com as mãos atrás das costas.

Luigi passou por diante d'elle para o poder examinar á luz projectada por duas lojas fronteiras ao passeio, em que elle se achava.

Ao passar-lhe por pé, voltou-se, olhou rapidamente, e sentio a mão do desconhecido segurar-lhe vigorosamente no braço, pronunciando-lhe o nome. San Marco, n'um tom de homem estupefacto, exclamou:

um antigo conhecimento—facilmente perceberia que aquelle encontro fôra para elle tão desagradavel como inesperado.

—Gibraltar, meu caro Gibraltar! continuou o italiano, sabes que a tua presença em Bruxellas causa-me profunda admiração e uma alegria immensa?

(Continua)